



## **UM ESTUDO A RESPEITO DA SEPARAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR HOMENS E MULHERES NA COMUNIDADE CAMPONESA FAXINAL DE SÃO PEDRO (RIO AZUL - PR)**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3917

Bárbara Luiza Cruz, UNICENTRO  
Alexandra Lourenço, UNICENTRO

### **Resumo**

Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade camponesa Faxinal de São Pedro (Rio Azul – PR). Nesta buscamos observar as relações de gênero que estão envolvidas nas estruturas organizacionais da comunidade, abrangendo assim a divisão de tarefas que envolvem as esferas pública e privada, compreendendo a importância e o desenvolvimento de tais relações no cotidiano camponês. A principal fonte desta pesquisa foram as entrevistas concedidas pelas moradoras e moradores da comunidade, utilizando-se assim da história oral. Notou-se que neste espaço predomina o discurso construído culturalmente sobre a divisão de tarefas designadas como masculinas ou femininas, isto é, a divisão de tarefas se dá por meio da ideia construída acerca de gênero, onde a esfera privada está relacionada ao feminino e a pública ao masculino.

### **Palavras Chave:**

Comunidade camponesa;  
Relações de gênero;  
Esfera pública e privada.

## Faxinal de São Pedro: uma comunidade camponesa

Esta pesquisa teve como lugar de estudo a localidade Faxinal de São Pedro, situada no município de Rio Azul – Pr, que apesar de ainda ser denominada como Faxinal não possui mais as características tradicionais necessárias para continuar sendo enquadrada neste sistema, isto se dá pelos processos de desarticulação e desagregação que o local acabou sofrendo, ou seja, pela interferência de antagonistas e fatores externos e internos<sup>1</sup> que passaram a gerar conflitos sociais e econômicos em seu meio, alterando assim suas estruturas. Dessa forma trataremos aqui o Faxinal de São Pedro como uma comunidade camponesa, que tem no campesinato a sua forma de subsistência.

Numa perspectiva geral, o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura. (WANDERLEY, 2014, p.26)

Henri Mendras, por sua vez, identifica cinco traços característicos das sociedades camponesas. Segundo ele, em contraste com o selvagem e com o agricultor, o tipo ideal de sociedade camponesa se define por: a) a autonomia relativa das coletividades camponesas frente a uma sociedade envolvente que as domina, mas tolera as suas originalidades; b) a importância estrutural do grupo doméstico na organização da vida econômica e da vida social da coletividade; c) um sistema econômico de autarcia relativa, que não distingue consumo e produção e que tem relações com a economia envolvente; d) uma coletividade local caracterizada por relações internas de interconhecimento e de relações débeis com as coletividades circunvizinhas; e) a função decisiva do papel de mediação dos notáveis entre as

<sup>1</sup> Os Faxinais do Paraná vêm passando por processos de desarticulação e desagregação que passam a modificar tanto seu território como o seu modo de vida. Em um primeiro momento a situação de desestruturação é provocada pela interferência de um conjunto de antagonistas, como fazendeiros, chacreiros, migrantes catarinenses e gaúchos, plantadores de pinus, eucalipto e soja, assim como

coletividades camponesas e a sociedade envolvente (MENDRAS, 1978, p. 14-15).

Ploeg (2008, p. 28), conceitua a “condição camponesa” a partir de seis características: 1) uma relação de co-produção com a natureza; 2) a construção e autogestão de uma base autônoma de recursos próprios (terra, fertilidade, trabalho, capital); 3) uma relação diferenciada com mercados diversificados autorizando certa autonomia; 4) um projeto de sobrevivência e de resistência ligado a reprodução da unidade familiar; 5) a pluriatividade; 6) a cooperação e as relações de reciprocidade.

Compreendendo assim os sistemas de produção agrícola da comunidade estudada, buscamos observar como se dão as diferenciações das atividades desempenhadas por homens e mulheres nas esferas pública e privada, tendo em vista compreender o papel das relações de gênero na estrutura organizacional da comunidade em questão.

### Um estudo de gênero: conceitos e metodologia.

Segundo a historiadora Joan Scott “O uso do ‘gênero’ coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1989, p. 07), entendendo assim que este vai além do caráter biológico. De acordo com a mesma autora o gênero deve ser encarado como uma categoria útil de análise aos estudos de História e Ciências Sociais, onde o entendemos como uma construção social e cultural, afirmando ainda que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21), sendo assim uma abordagem as diferentes relações de poder que se estabeleceram em nossa sociedade.

A separação das esferas pública e privada se dá pela associação da mulher ao âmbito doméstico e às atividades que devem ser desenvolvidas nesse, tendo esta às responsabilidades referentes aos afazeres da casa e da família, enquanto o homem é associado ao

problemas internos que passam a interferir no cotidiano e práticas faxinalenses. Em um segundo momento ocorre a sua desagregação, quando o Faxinal deixa de funcionar com pelo menos duas de suas principais características: as terras de plantar e de criar.

âmbito público, onde tem voz ativa e forte participação em reuniões e tomadas de decisões referentes aos aspectos que dizem respeito à comunidade em geral. Essa separação é observada também por Joana Pedro, onde a autora afirma que “Desta forma, a esfera privada tem sido pensada como o lugar das mulheres, mais especialmente a esfera íntima familiar; e a esfera pública, desenhada como o lugar dos homens, aí incluído o setor público” (PEDRO, 2000, p. 33).

A metodologia utilizada neste estudo partiu das leituras bibliográficas referentes aos temas neste discutidos. Foram feitas visitas ao Faxinal de São Pedro no mês de junho de 2017, onde foram entrevistados 4 (quatro) moradores da comunidade, sendo estes dois casais – as entrevistas ocorreram individualmente, visando o melhor desenvolvimento do diálogo entre pesquisadora e entrevistado. Sendo assim, a principal fonte deste estudo, foram as entrevistas cedidas pelas moradoras e moradores da comunidade camponesa Faxinal de São Pedro. Tal fonte se caracteriza como oral, onde podemos observar através dos relatos as representações presentes nos discursos cotidianos dos moradores da comunidade em questão.

Vemos aqui a necessidade de destacar que a história oral se apresenta como uma ferramenta muito importante para os historiadores, uma vez que é capaz de construir fontes através da memória dos entrevistados. Segundo Delgado a história oral é um procedimento para a produção de conhecimento histórico, onde “A memória ativa é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades” (DELGADO, 2010, p.17). Levando tais apontamentos em consideração vemos que a história oral, se utilizada de forma correta pelo pesquisador, se torna uma rica fonte de pesquisa histórica.

## Resultados e discussões

Foi observado que a religiosidade se faz muito presente no cotidiano dos entrevistados. As reuniões entre os moradores do local acontecem principalmente nas dependências da capela da comunidade e quase que exclusivamente tratam de

assuntos relacionados com as festividades religiosas. Desta forma se faz necessário destacar que a religiosidade esta intrinsecamente ligada às estruturas organizacionais da comunidade, estando presente nos discursos dos moradores e moradoras.

Logo na primeira entrevista a divisão de tarefas que se referem à Igreja foi citada por Dona Lúcia<sup>2</sup>, onde ela fala

Na Igreja nós mulheres fazemos o serviço da cozinha, a limpeza, como comidas, essas coisas, já os homens cuidam da parte da carne e do botequim<sup>3</sup>. É tudo decidido nas reuniões, mas isso das mulheres na cozinha e na limpeza foi sempre assim.

Nesta fala é possível observar a separação das tarefas que são destinadas aos homens e mulheres, segundo Rosaldo

Toda sociedade conhecida reconhece e elabora algumas diferenças entre os sexos e embora hajam grupos onde os homens vestem saias e as mulheres calças, em todo lugar há tarefas, maneiras e responsabilidades características, especialmente associadas com as mulheres ou com os homens. (ROSALDO, 1979, p. 35)

Dona Lúcia diz ainda que algumas coisas já estão mudando, pois agora sempre existem homens e mulheres, geralmente casais, cuidando do botequim da festa, tarefa que antes era predominantemente masculina. Ela destaca que sempre está presente nas reuniões da capela da comunidade, sempre acompanhada do marido, pois é uma responsabilidade do casal participar, uma vez que atualmente até mesmo os coordenadores<sup>4</sup> da capela são um casal.

Sobre as reuniões que acontecem Lúcia fala que “Nas reuniões todo mundo dá opinião, as mulheres também falam. E na hora de os homens combinarem as partes deles e as mulheres as delas, nós nos separamos daí, se não, não dá certo, nem se entendem, então a gente se separa”. Aqui vemos que mesmo com a integração das mulheres na parte de vendas, ainda existem muitos assuntos que são discutidos conforme a divisão de tarefas entre masculinas e femininas.

---

<sup>2</sup>Lúcia Gureski Ivantchuk (53 anos) – Casada com Geraldo Ivantchuk. Entrevista concedida a Bárbara Luiza Cruz em 15/06/2017

<sup>3</sup>Neste contexto o botequim é onde acontece a venda das comidas e bebidas oferecidas nas festas da Igreja da comunidade Faxinal de São Pedro.

<sup>4</sup>A capela possui uma equipe que fica à frente para tomar as principais decisões e organizar as reuniões, tal equipe atualmente é composta pelos coordenadores, que são um casal, um tesoureiro e uma secretária.

A mesma entrevistada fala ainda da existência das reuniões onde apenas os homens participam

Às vezes tem reunião só dos homens, quando não tem interesse para as mulheres daí tem só dos homens, reunião só das mulheres que eu me lembro acho que não tem. As reuniões que são só dos homens, são para decidir como por exemplo uma coisa de construção, estas coisas, que daí as mulheres não tem nada a ver, não entendem, daí eles resolvem entre eles.

Nesta fala percebemos uma das representações presentes nos discursos que enfatiza a separação das atividades, onde a mulher “não entenderia de construção”, e assim não precisaria participar das decisões a este respeito.

Ao entrevistar o Sr. Geraldo<sup>5</sup>, marido de Dona Lúcia, a resposta sobre as responsabilidades de homens e mulheres com relação à Igreja permanece quase a mesma

Na Capela, na comunidade, a parte da cozinha, parte da limpeza é responsabilidade das mulheres, a faxina por dentro da capela é a mulher que faz. O homem tem a parte de dentro da Igreja como os ministros, e a parte de fora como zelar pelo pátio, pelo barracão.

Quando questionado quanto às reuniões ele diz que “Nas reuniões, homem e mulher participam e tem liberdade para falar, a gente pode dizer que é bem repartido, tanto o homem manda como a mulher manda também”. Sobre a existência de reuniões onde apenas homens ou apenas mulheres participam Geraldo nega dizendo que, “Para tomar decisão da comunidade não tem reunião só de homem, quando tem reunião para tomar decisão que envolve a comunidade geralmente tem mulher junto”, complementando ainda que quando são reunidos só os homens é para dar algum aviso da igreja.

Observando as falas desse casal com relação à divisão de tarefas e às decisões tomadas pela comunidade vemos que as estruturas organizacionais têm se alterado aos poucos nesse âmbito e que as diferenças ainda prevalecem e mesmo Geraldo falando que não são tomadas decisões sem a presença de mulheres, Lúcia disse que tem reuniões e decisões que são tomadas sem as mulheres ou onde estas não opinam por não

“entenderem”

Assim nos é apresentado uma série de questionamentos, como, até que ponto a liberdade que as mulheres possuem para interferir nas decisões da comunidade é realmente existente? Ou ainda, a participação de mulheres nas reuniões da capela representa a sua participação na esfera pública, ou elas continuam sendo restringidas à esfera privada também neste âmbito – uma vez que as atividades destinadas a elas continuam sendo as relacionadas a cuidados de limpeza e preparo de comida –? Acredita-se que para responder tais questionamentos está pesquisa teria que se estender mais e se aprofundar nas relações desenvolvidas em torno da Capela, que se torna um espaço tão fundamental no cotidiano desta comunidade.

Porém, podemos afirmar que os papéis continuam a ser diferenciados e que apesar da presença de mulheres ser cada vez mais significativa estas ainda tem muito à conquistar para conseguir a igualdade nas decisões que se referem à comunidade de forma geral, pois como podemos observar apesar das reuniões que acontecem na comunidade estarem ligadas diretamente com a capela, as discussões vão além de decisões ligadas apenas a isso, mas que abrangem as estruturas organizacionais de todo o âmbito público, ou seja, que envolvem a coletividade e a voz dos agentes perante a comunidade.

Com relação à discussão da separação de atividades na casa disse Dona Lúcia, “Aqui na casa depende, minha responsabilidade mais é dentro da casa, sempre ele ajuda também, mas mais é minha. Cozinhar, fazer pão, fazer bolo, estas coisas como lavar a roupa. A responsabilidade dele é cuidar das criações, do terreno, das contas de banco”. Observemos ainda a fala de Geraldo.

Aqui na casa minha responsabilidade que eu considero é zelar pela minha família, daí tem as coisas que eu faço porque a Lúcia não pode fazer, como cuidar da lavoura, tomar uma decisão se a gente vai fazer isso ou fazer aquilo, então acho que isso é mais minha responsabilidade do que dela, então lógico a gente conversa e tudo, mas sempre tem as decisões que sou quem tem que tomar né, não adianta.

Ao observar estas duas falas vemos que as responsabilidades assumidas por Dona Lúcia se

<sup>5</sup>Geraldo Ivantchuk (56 anos) – Casado com Lúcia Gureski Ivantchuk. Entrevista concedida a Bárbara Luiza Cruz em 15/06/2017

voltam principalmente a questões ligadas a esfera privada e que as atividades desenvolvidas por Geraldo se voltam predominantemente a questões que envolvem a produção e a economia da casa. Porém Lúcia ainda complementa que “Na lavoura eu ajudo direto, trabalho. Cuido da lavoura, do quintal, da casa e da igreja ainda, por tudo”, aqui podemos ver que o trabalho da mulher não se restringe a casa, mas a todos os demais ambientes que fazem parte do cotidiano desses camponeses. Quando Geraldo fala que existem decisões que “ele” tem que tomar vemos a naturalização do discurso da subordinação da mulher, pois de acordo com Rosaldo,

Alguma área de atividade sempre é encarada como exclusiva ou predominantemente masculina e então opressiva e provavelmente importante. Esta observação tem seu corolário no fato de que em toda a parte os homens têm alguma *autoridade* sobre as mulheres, possuem direito legitimado culturalmente para a subordinação e confiança delas. (ROSALDO, 1979, p.37)

As atividades desenvolvidas por mulheres não perdem a sua importância, mas não possuem um reconhecimento social e cultural como as atividades desenvolvidas por homens, sendo esta uma construção social acerca dos papéis a partir do gênero, onde o status principal se volta para a atividade masculina. Destacamos ainda que quando a mulher se refere aos trabalhos que desempenha no ambiente considerado como masculino, neste caso a lavoura, ela se refere a este trabalho como “ajuda” mesmo que desenvolva mais atividades do que o próprio homem, assim tem seu papel visto como secundário. “A mulher pode ser importante, poderosa e influente, mas parece que em relação ao homem de sua idade e de seu status social, a mulher em todo lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente” (ROSALDO, 1979, p.33). Ortner (1979) também fala sobre o papel secundário associado às mulheres, onde isso se caracteriza como uma construção cultural e não um fato da natureza.

Os apontamentos feitos por Ortner (1979) servem também para analisamos a seguinte fala do Sr. Adélio<sup>6</sup>

A responsabilidade do homem é em tudo que funciona em uma propriedade, porque a mulher, pelo menos a mãe tem que cuidar das

crianças, não tem tempo de ficar saindo. A não ser que o homem seja um deficiente alguma coisa que não possa lutar né

Assim vemos o discurso de que a mulher como mãe estaria naturalmente ligada aos afazeres domésticos e ao cuidado com os filhos, e o homem como não dá à luz se relacionaria com a esfera pública, assim

[...] as mulheres são identificadas ou simbolicamente associadas com a natureza, em oposição aos homens que são identificados com a cultura. Uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará “natural” subordiná-las, para não dizer oprimi-las. (ORTNER, 1979, p. 100-101)

Ainda sobre a diferenciação das responsabilidades de homens e mulheres, o entrevistado diz que, “Isso é uma tradição que vem dos antigos, isso é uma coisa antiga que vem, é tudo o homem e depois a mulher”. Assim observamos novamente o discurso de naturalização da posição secundária da mulher.

Dona Vitória<sup>7</sup>, esposa de Adélio, conta sobre como o cuidado dos filhos era responsabilidade dela,

Desde quando eu casei mudou bastante coisa, para a mulher era bem mais sofrido antes. A gente sofria, levava os filhos para a roça, levava tudo os pequeninhos, dois, três, porque tinha um a cada um ano e oito meses. Daí levava em balaio, nem carrinho não tinha, às vezes o balaio tombava e caia, era bem mais difícil. Na criação dos filhos o meu marido ajudava a cuidar, mas era pouco, parece que ele não tinha muito tempo de cuidar das crianças, então era mais eu que cuidava e os maiorzinhos cuidavam dos mais pequenos né. Eram em bastante, eu tive nove, mas um morreu.

Nesta fala, constatamos como o discurso que associa a criação dos filhos como atividade a ser desenvolvida pela mulher não diminui as atividades que essas desenvolvem nas lavouras, espaço que é enfatizado pelos entrevistados como ambiente masculino e onde a mulher não teria grandes responsabilidades. No estudo de Paulilo (1987) é observado que o trabalho desenvolvido por mulheres e crianças nas lavouras é entendido

<sup>6</sup>Adélio de Oliveira (67 anos) – Casado com Vitória Kava de Oliveira. Entrevista concedida a Bárbara Luiza Cruz em 15/06/2017

<sup>7</sup>Vitória Kava de Oliveira (64 anos) – Casada com Adélio de Oliveira. Entrevista concedida a Bárbara Luiza Cruz em 15/06/2017

como leve e o trabalho do homem se caracteriza como pesado, “Como esta incumbido do trabalho ‘pesado’, o homem deixa de se ocupar de outras atividades. Mas a mulher que faz trabalho ‘leve’, continua a cuidar da casa e dos filhos” (PAULILO, 1987, p. 70), assim a autora conclui que “[...] o trabalho é ‘leve’ (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar” (PAULILO, 1987, p. 70), deste modo vemos que as mulheres acabam tendo as suas atividades desvalorizadas no ambiente considerado masculino, mesmo que tal trabalho não seja realmente leve e que ela seja vista como responsável pelos afazeres domésticos.

Vitória ainda relatou que percebeu que a situação das mulheres tem mudado muito, disse ela

Eu tenho 64 anos, e já vi bastante diferença de antes para cá, porque eu já não saía, só cuidava da casa, da roça, das crianças, era só o marido que lutava com negócio, essas coisas assim, e agora são as mulheres que ajudam os maridos em tudo quanto é negócio

Dessa forma vemos que apesar de que na atualidade a participação das mulheres na esfera pública ainda é limitada, essa situação vem se alterando. Vitória ainda complementa,

Eu acho que agora não é que só a mulher cuida de uma coisa e o homem só cuida de outra, agora eles combinam, é tudo junto que eles fazem, eu acho que cada vez está melhorando para fazer as coisas e isso deve ser bom né. Eu não tenho medo que assim vá ficar mais ruim, eu acho que vai melhorar.

Ela complementa que vê que os seus filhos e genros já têm posições diferentes na criação dos filhos, participando mais e que acredita que os seus netos vão ser ainda mais participativos e que assim as coisas vão mudando.

Lúcia nos relatou que ela e o marido participam de um encontro que é organizado por um grupo de casais que frequentam a igreja, tal encontro é denominado ECC – Encontro de Casais com Cristo. Geraldo também comentou sobre a participação no ECC,

Lá os homens e as mulheres fazem todas as atividades juntos, vamos dizer assim, se o casal é designado para trabalhar na cozinha, não importa se é homem ou é mulher, vai fazer tudo a mesma coisa, vai descascar batatinha, lavar louça, fazer tudo o que tem que fazer. Eu acho que tá certo fazer, porque

o casal é assim, o que a mulher faz o homem tem que fazer, não tem essas parte de machismo, isso acabou. O ECC é para isso, promover a família, para acabar com esse negócio de porque eu sou homem eu não lavo a louça ou a mulher não faz aquilo, e geralmente a mulher faz mais serviço que o homem, só que tem muitos ainda que não entendem, mas no ECC tem que fazer

Vemos na fala de Geraldo diversos elementos que podem ser abordados, destacamos que a sua concepção de machismo é empírica, mas nem por isso deixa de ser significativa nessa frase, pois como nos foi possível observar nas análises de falas anteriores, o próprio Geraldo apresenta discursos que remetem a ideologias de subordinação da mulher, por isso aqui consideramos que ele se referiu a negação de homens em desenvolver as atividades que estariam relacionadas à esfera privada e por isso consideradas femininas.

Pelo que foi observado o ECC tem contribuído para a busca de equidade entre homens e mulheres na esfera privada, pois independentemente de estar relacionado com a religião promove exercícios que fazem com que os homens integrem o âmbito doméstico. Porém devemos enfatizar que isso não é suficiente para dizermos que os homens continuam assumindo essa postura em suas casas – além do momento do encontro. Este é aqui apresentado apenas como algo que nos foi relatado pelo casal em questão e que, segundo Lúcia, mudou algumas posturas do casal nas atividades relacionadas à casa.

## Considerações finais

Após tal discussão concluímos que na comunidade camponesa Faxinal de São Pedro as atividades desenvolvidas por homens e mulheres continuam sendo separadas entre as esferas privada e pública, onde os ofícios da casa e a criação dos filhos continuam sendo responsabilidade das mulheres e as questões que envolvem fatores econômicos e as decisões que se relacionam com a comunidade continuam a ser responsabilidades principalmente masculinas.

Todos os entrevistados destacaram que as mulheres possuem total liberdade nas reuniões seja para dar ideias ou questionar decisões, mas analisando os diálogos estabelecidos pode-se dizer que essa liberdade se torna limitada pelo discurso naturalizante de que elas supostamente não entendem sobre algo, ou não devem tomar tais

decisões porque cabe ao homem e sempre coube a estes, observando assim um discurso que foi construído culturalmente em nossa sociedade ao longo da história.

## Referências

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para cultura? In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. “O peso do trabalho leve”. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70,

jan./fev. 1987.

*BL Cruz: A lourenço. VIII CIH. 1099 - 1105*

PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. **Diálogos**, Maringá, v. 4, p. 33-39, 2000.

PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher a cultura e a sociedade: Uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova York, Columbia University Press, 1989.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. **Revista de economia e sociologia rural**, Piracicaba, v. 52, supl. 1, p. 25-44. Fev. 2015.